

Emma Green

Cem Facetas do Sr. Diamonds

3. Rutilante

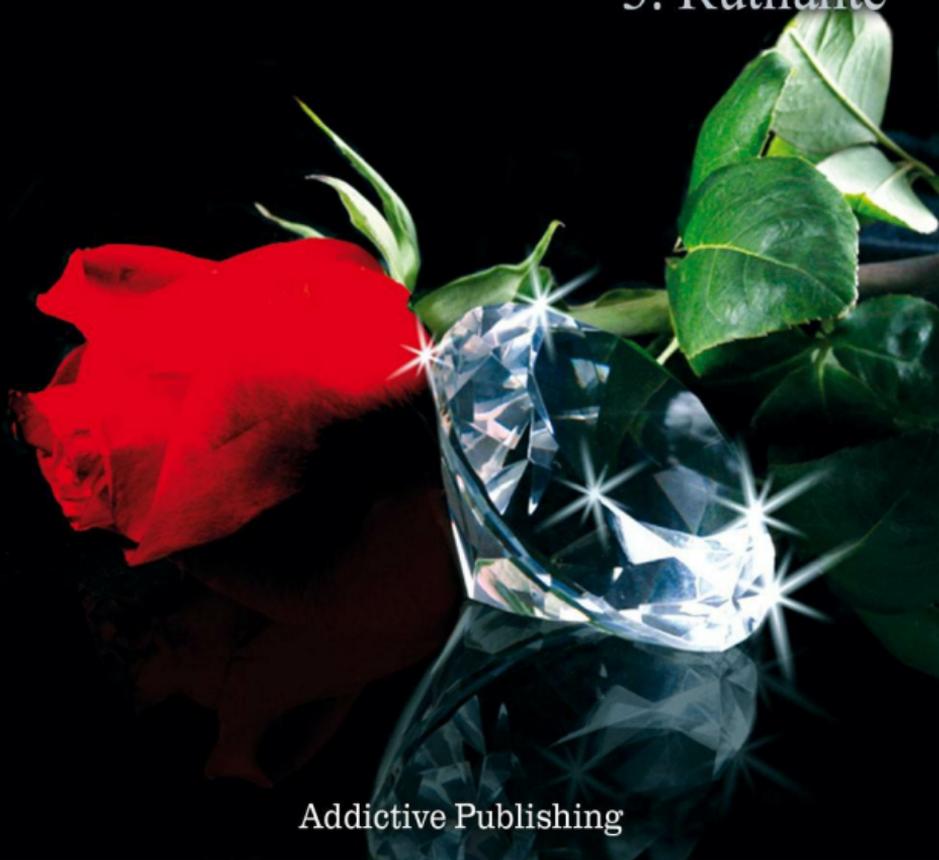


Addictive Publishing

Emma Green

Cem Facetas do Sr. Diamonds

3. Rutilante



Addictive Publishing

Emma Green

**CEM FACETAS DO SR.
DIAMONDS**

Volume 3 : Rutilante

1. Outra que não eu

« Desça, estou esperando ». Meu celular mostra o nome de Gabriel. Não entendo essa mensagem, que, contudo, parece muito clara. São 08h40min, ainda estou secando os cabelos e tenho de partir em menos de um minuto se não quiser chegar atrasada ao escritório. Eu me precipito para a janela de meu apartamento, fazendo um coque rápido, e do alto do terceiro andar descubro Gabriel, na calçada, encostado a uma enorme moto preta rutilante. Ao levantar a cabeça em direção a minha janela, ele

vislumbra meu rosto e, com este ar indiferente que me irrita ao mesmo tempo em que me fascina, estende um capacete cinza metálico em minha direção. Compreendo menos ainda. Enfio as minhas botas tão depressa quanto possível, fazendo a mim mesma mil perguntas, pego o casaco e a mochila, perco quinze segundos para encontrar as minhas chaves e desço rapidamente as escadas que me levam até ele. Que louco... Este homem imprevisível com quem transo há dois meses. Este milionário do mundo do vinho, homem de negócios assustador e fotógrafo de talento, que sabe fazer tudo e faz tudo brilhantemente. Este louro alto

com físico de surfista californiano que consegue ser elegante, selvagem, tenebroso, ardente, adorável e horripilante. Ainda ignoro por que se interessa por mim, a estagiariazinha de vida simples, mas sei que por nada no mundo deixaria meu lugar para outra. E devem ser muitas a cobiçá-lo. Mas com quantas delas ele tem orgasmo ? Quantas mulheres ele vem derrubar no escritório do chefe ou colar contra a parede de seu apartamento quando lhe dá na telha ? Será que ultrapassa esses limites obscenos com outra que não eu ? Todas essas questões me torturam há semanas, mas não me impedem de ceder à tentação cada vez que ele me oferece isso em uma bandeja de prata...

Aparentemente, também não terei explicação para sua presença em minha rua nessa manhã de fevereiro. Gabriel me dá um beijo frio na bochecha, desfaz meu coque com suas mãos hábeis e enfia o capacete sobre os meus olhos. Enquanto ele o ataca sob meu queixo e o contato de seus dedos em minha pele me faz estremecer, mergulha seu olhar azul gelado no meu.

– Você hoje não trabalha. Vi isso com Éric. Ou melhor, trabalha para mim. Já subiu em uma moto ? Cole-se a mim e se molde aos meus movimentos.

Ele marca uma pausa. E acrescenta, com uma piscada maliciosa que me

desprende do chão.

– Sei que você faz isso muito bem.

Somente sete palavrinhas e sete mil borboletas voejam na cavidade de meu abdômen. Ele se volta, enfia o capacete, se escarrancha sobre a máquina e me estende a mão para me ajudar a montar atrás dele. Deslizo timidamente as mãos sobre seu blusão de couro negro enquanto ele faz roncar o motor. Posso sentir as vibrações de meus dedos na raiz de meus cabelos. Gabriel arranca rápida e violentamente e sou jogada para trás. Ele pega uma de minhas mãos e aperta meu abraço em torno de sua cintura até que me acho deitada contra suas costas. Olho a paisagem enquanto ele atravessa Paris pelos boulevards des

Maréchaux e eu tento adivinhar nosso destino, em vão. Acabo por fechar os olhos, deixando-me rapidamente aturdir pela velocidade e a presença de meu amante, a quem desnudarei imediatamente.

Quando Gabriel enfim coloca o pé no chão, continuo sem saber para onde está me levando. Ele retira meu capacete, torna a pentear delicadamente os meus cabelos, fixando meus lábios intensamente, a ponto de eu acreditar que ele vai me beijar. Mas sua mão pesada pousa em minha nuca e me guia até o interior de um edifício moderno feito unicamente de janelas envidraçadas. No elevador, enfim ele se

explica :

– Gostei muito de fotografar você. Gostaria de lhe fazer viver outra experiência. Tenho certeza de que você vai adorar.

– Mas... Não ! Gabriel, mal estou maquiada, e olhe como estou vestida !

– Você não vai precisar de nada. Eu me reteso. Meio excitada, meio irritada.

– Mesmo assim gostaria, apenas uma vez, de poder me preparar, de poder decidir.

– Isso não. Você sempre é mais bonita quando é pega de surpresa. Você acha que eu não lhe conheço mas agora, por exemplo, tenho certeza de que está

zangada, de que tem vontade de se amuar como uma garotinha e de sair correndo. Mas sei também que você me quer...

Antes de me dar tempo de lhe responder, ele me envolve em seus braços e pressiona sua mão contra minhas nádegas atraindo-me para si. Nossas respirações se misturam, morro de vontade de que me beije, mas ele não se mexe. Um fogo se acende entre as minhas pernas e eu aproximo o rosto para lhe arrancar esse beijo. Ele recua, mas não afrouxa o controle. Sua mão livre se insinua à frente, em meu jeans e em seguida por sob o tecido de minha calcinha, e sinto seu dedo indicador deslizar entre meus lábios. Ele irrita

meu clitóris continuando a me fixar, sempre me beijando, e continua suas carícias divinas. Eu começo a arquejar, surpresa com a fulgurância de meu prazer, me agarro a seu pescoço e gozo em sua mão pressionada sobre meu sexo palpitante.

– Agora podemos ir.

Gabriel desbloqueia o elevador e sai a minha frente. Minhas pernas bambas têm dificuldades para seguir seus passos largos percorrendo o longo corredor que nos leva a um cômodo branco do chão até o teto.

– Tire a roupa, por favor.

Lanço a ele um olhar acerbo, prestes a

pular em seu pescoço. Diante de meu silêncio e de meu ar de indignação, ele se suaviza.

– Vou lhe ajudar. Só não quero perder um segundo desse olhar. O gozo cria uma luz única nos olhos das mulheres.

Ele se aproxima de mim e vem colar seu rosto contra o meu. Continua, cochichando :

– Eu queria ter o privilégio de fotografá-la depois de tê-la feito gozar. Amande, seria uma grande honra para mim. E quando eu olhar estes negativos, serei o único a saber o que naquele momento se passava dentro de você. Dê-me esse presente, Amandine. Eu a recompensarei de uma maneira que você

nem imagina.

Bebo suas palavras e a sensualidade de sua voz pronunciando meu nome de batismo me hipnotiza. Deixo que ele me dispa como uma boneca de pano. Com a maior delicadeza, tira meu casaco, passa meu pulôver e minha camiseta por cima de minha cabeça, se acocora para tirar minhas botinas e minhas meias, desabotoa minha calça jeans e a faz escorregar, no mesmo tempo que minha calcinha, ao longo de minhas pernas. Eu me encontro nua neste grande cômodo vazio e frio, e o arrepio me endurece os mamilos. Gabriel os beija um a um e me toma pela mão para me guiar diante de um fundo branco.

Entra então na pele do fotógrafo forçando minha admiração. Instala, manipula, desloca, monta o material e seu rosto reflete os tiques de concentração que me fazem derreter. Sobrancelhas franzidas e olhos preguiçosos que lhe desenham pés-de-galinha extremamente sedutores, boca entreaberta que deixa aparecer sua língua rosa e úmida cujos talentos conheço tão bem... Contrariamente a nossos habituais encontros turbilhonantes, enfim tenho todo o tempo para admirar meu amante. Seus cabelos louros bem cortados contrastando com sua pele bronzeada, sua larga fronte inteligente que domina duas pupilas de

um azul intenso, seu nariz reto e elegante, seus largos maxilares viris envolvendo lábios cheios e debruados, quase femininos. Seu rosto é uma obra de arte. E seu corpo de Apolo, meu Deus, esse corpo... Por baixo de seu pulôver malva de cachemira, adivinho seus ombros largos, seus bíceps sólidos, seus peitorais desenhados e sua cintura fina. Sua calça cinza-escura sublinha suas coxas musculosas e seu rabo arredondado que não me canso de admirar. É uma força da natureza tanto quanto um figurino da alta moda. Por mais que procure, não encontro nele nenhum defeito. Ele arregaçou as mangas e há algumas veias salientes em seus antebraços, acho isso incrivelmente

sexy. Usa um relógio de luxo no pulso esquerdo e suas poderosas mãos bronzeadas terminam em longos dedos delicados de unhas feitas. Seus gestos são tranquilos, seguros, cheios de graça. Jamais o vi cometer o menor deslize. Sua aura me penetra à distância. Ele transpira carisma e sensualidade. Mesmo a dez metros de mim, sem falar comigo e nem mesmo olhar para mim, ele atíça meu desejo. Eu, que sempre fui comedida, razoável, por ele me tornei gulosa, excessiva, insaciável.

O que por um instante acreditei serem horas não durou mais do que alguns minutos. Gabriel concluiu a instalação e uma máquina, ao fundo do aposento, se

põe a projetar sobre meu corpo curvas, espirais, arabescos de cores diferentes. Estendo os braços para admirar esses reflexos que envolvem minha pele como volutas de fumaça. A experiência é surpreendente. Ele não mentira. Nua em frente à objetiva, sinto-me como que vestida com as ideias de Gabriel. Ele tira fotos em sequência, se desloca, se aproxima. O incrível silêncio que reina no aposento só é quebrado pelo ritmo de seus cliques desenfreados. Na medida em que reduz a distância que nos separa, eflúvios de seu perfume de âmbar chegam até mim. Este homem tem o dom de me fascinar. Alcança uma imensa tela que eu não havia visto na chegada e me faz um sinal para que eu me aproxime.

Senta-se em uma larga poltrona de couro marrom e faz aparecer instantaneamente imagens minhas. Não me reconheço. É meu rosto, meu corpo que vejo, mas nada mais se parece comigo. Nua, ajoelho-me a seu lado para aproximar meus olhos da tela. É surpreendente.

Gabriel, com o olhar altivo e o ar radiante, me vira em sua direção. Acaricia lentamente os meus cabelos, passa um dedo ao longo de minha testa, na ponta de meu nariz e se detém em meus lábios fechados. Entreabre-os com o dedo indicador que eu me ponho a sugar espontaneamente. Pega uma de minhas mãos e vem pousá-la no volume que deforma sua calça. Uma excitação

repentina me queima por dentro. Tiro o fecho de seu cinto com precipitação e me inclino para liberar sua ereção. Tomo em minha boca seu sexo duro e sedoso e o ouço exalar um primeiro suspiro. Ele me acaricia ternamente a bochecha e torno a mergulhar nele, titilando-o com minha língua, apertando-o entre os lábios ao ritmo de seus gemidos. Acompanho meus movimentos com a mão e tento surpreender seu olhar, desfrutando do espetáculo de minha boca. Estou molhada de desejo e mais ousada do que provavelmente já havia sido. Engulo avidamente seu sexo enquanto Gabriel desliza sua mão sob minha nuca para cadenciar meus movimentos de vai-e-vem. Ele arqueja

com cada vez mais força e eu o chupo gemendo, meu prazer acompanhando o dele. Seu sexo endurece em minha boca, eu o engulo mais e mais e o observo gozar, com a cabeça virada para trás. No que, em quem ele pensou saboreando esse momento ? Em mim, Amandine, ou na outra, aquela que ele fotografou, transformando-me ?

2. De ponta-cabeça

De ponta-cabeça

Você fala de um presente. Sigo Gabriel em Paris de manhã cedo sem pedir explicações, aceito jogar o jogo e o deixo fotografar-me, nua, maquiando-me virtualmente com suas projeções coloridas, participo de seu delírio de artista que me escapa completamente, abandono-me a ele sem reservas, ele promete me « devolver » cem vezes mais... E eis que me encontro de joelhos diante dele, confortavelmente instalado

em sua poltrona luxuosa, a devorá-lo, a preenche-lo, a fazer sexo com ele, mais e mais, enquanto o Senhor chega ao orgasmo olhando para outra parte, como se eu não existisse. Tive ganas de pegar minhas coisas e bater a porta em sua cara. Mas não o fiz. Impossível dizer por que. Quando ele me deixou em casa de moto, e me deu um beijo na testa falando de uma « compensação » por meu dia de trabalho perdido, nem mesmo explodi. Acho mesmo que ri :

– Assim, as coisas ficam claras. Não há mais dúvida a respeito do papel que represento em sua vida. Você me carrega, faz de mim o que quer, me traz de volta e paga. Clássico.

– Amande, não comece. Passamos um momento agradável, não ?

– Aparentemente, foi assim para você. Você sabe, nunca lhe pedi nada. Jamais o assediei, como alguém tímida e a quem o amor paralisa. Aceitei o que você me dava sem reclamar nada, sem esperar por mais.

– Nada tenho a lhe oferecer. Apenas eu... Às vezes.

– Nesse caso, guarde seus milhões. Um pouco de respeito me bastará.

– Você fica ainda mais bonita quando está indignada. E foi divina hoje. Não esqueci minha promessa, você sabe... Então ele se aproxima sorrindo, sinto que logo vou perder o orgulho (que a

mim mesma surpreende !) e decido entrar.

– Vou indo, veremos na próxima vez...

– Amanhã ! Amanhã à noite. Pode me encontrar nesse endereço às 19h00min. É uma venda particular. Gostaria que experimentasse vestidos de noite para a festa de gala a que você me acompanhará.

Embora eu começasse a girar nos calcanhares, volto-me em sua direção para pegar o convite. Meu coração bate forte. Não sei se é o pensamento dos vestidos de princesa, a perspectiva de ir a uma « festa de gala » em seus braços ou simplesmente sua proposta e fazer

compras comigo. Todos os dois, juntos, em um lugar público, de pé e vestidos. Como um casal normal. O que absolutamente não somos. Mas terei prazer em imaginar isso por uma noite...

Às 19h15, chego à Avenida Marceau e dou com um grande ateliê de costura francesa. Só de ver as cinco letras douradas da marca tenho vertigem. Verifico o endereço no cartão pela quinta vez. Disse a mim mesma que os quinze minutos de atraso « seriam bons » para não parecer uma fã histérica ao pensar em experimentar roupas que nunca poderei vestir. Isso também dá tempo a Gabriel de chegar antes de mim. Não deu certo para nenhum dos dois.

Ele não está e eu fico plantada diante do grande estabelecimento de um branco imaculado, incapaz de descolar o nariz da vitrine. Duas mãos geladas vêm tapar os meus olhos, eu me volto e me contenho para não pular em seu pescoço, ébria de felicidade. Ele me considera da cabeça aos pés e sua piscada satisfeita me mostra que não me enganei. Felizmente, porque passei três horas a esvaziar meu armário na véspera, à noite, para acabar por escolher um vestido de malha crua e um cinto de couro camel que cai bem com minhas botinas de saltos altos. Com muita naturalidade, Gabriel me precede e me abre a porta da butique.

É de tirar o fôlego a altura do teto, luzes cintilantes se refletem em um chão branco envernizado onde posso me ver, uma decoração contemporânea em tom cinza contrasta com as caneluras antigas nas paredes. Nunca vi tanto luxo. Tento caminhar a passos seguros, lembrando-me dos conselhos de minha mãe (« tudo está na postura da cabeça, Amandine ! ») enquanto atravessamos uma sucessão de salões, cada um mais fascinante que os outros. Chegamos enfim ao imenso cômodo consagrado à coleção de um célebre costureiro que vi em uma fotografia nas revistas de moda. Tenho dificuldades para me impedir de dar gritinhos de excitação. Se Marion

estivesse aqui (e ninguém estivesse nos vendo), pularíamos no mesmo lugar como duas loucas. Ao longo de uma parede, algumas araras de prata exibem uma dezena de vestidos suntuosos como eu jamais havia visto em minha vida.

Gabriel provoca.

– Gosto de ver os seus olhos brilharem. Qual deles a agradaria ?

Eu lhe respondo, cochichando.

– Não sei, todos. Jamais ousarei experimentá-los.

– Eu poderia comprar todos para que você os experimentasse sozinha em seu minúsculo banheiro, mas isso tiraria todo o meu prazer. Não quero perder um

segundo do seu desfolhar.

Ele também baixou a voz ao pronunciar esta última frase, que me encoraja. Um vendedor muito elegante, do tipo latino, vem nos ajudar a escolher e nos conduz até um cabine de provas que é duas vezes maior que o meu apartamento. Gabriel se instala negligentemente em uma poltrona que parece recém-saída do século XVIII e eu me vejo em uma cabine gigantesca em companhia do jovem efebo chamado Pablo, que diz estar a minha disposição. Ele me ajuda a enfiar um vestido cor de carne com finas alças e tutu opulento, pelo qual enlouqueci. Levanta a cortina e eu saio, de pés descalços e cabelos em

desordem, sob o olhar divertido de Gabriel. Escolha ruim. Eu me olho no grande espelho e também me ponho a rir, tanto pareço tola. Uma bailarina desastrada chegando para sua primeira aula de dança clássica. Gabriel faz sinal a Pablo para passar para o seguinte. Meu « provador » nem mesmo se dá ao trabalho de fechar a cortina e deixa cair, com uma piscada, o vestido aos meus pés. Eu me vejo de roupas de baixo com um desconhecido e vejo Gabriel inclinar a cabeça, para desfrutar do espetáculo, sorrindo.

Dois outros vestidos mais tarde, começo a me impacientar. Eu poderia, contudo, me divertir com essas provas

um dia inteiro, mas o olhar desaprovador de Gabriel e a familiaridade de Pablo acabam por pesar em mim. Não imaginava os vendedores de alta costura tão susceptíveis. Duvido que ele tenha o costume de desnudar e de tornar a vestir dezenas de modelos seminuas durante os desfiles, mas sou um pouco mais pudica que isso. Gostaria que ele fosse embora e deixasse as mãos de Gabriel operarem. Mas as provas continuam e Pablo volta com uma « sugestão » que ele gostaria de me ver experimentar. Seu encantador sotaque espanhol apresenta argumentos que se querem convincentes : « Um vestido longo modelador que me fará mais alta e

marcará minha cintura, a cor azul-escuro que afina e combina maravilhosamente com as peles tão pálidas quanto a minha. » Eu o fuzilo com o olhar.

– Se me permite, Senhorita, o bustiê não cai bem com sutiã.

– Sim, sim, baixarei as alças.

– Ouso insistir, isso vai quebrar toda a linha de criação.

Eu me rendo, suspirando, e me contorço para desatacar meu sutiã. O fecho resiste sob meus dedos trêmulos de nervosismo e Pablo me faz sobressaltar, ao chegar por trás para me ajudar. Tento encontrar o olhar de Gabriel para que ele venha em meu socorro, mas o que leio em seus olhos se parece mais com um desejo

fervoroso que conheço bem. Ele balança a cabeça para me incentivar a me deixar levar.

O Pablo em questão afasta os meus cabelos de um lado da nuca, desataca o sutiã e o deixa cair ao longo de meus braços. Em seguida vem se ajoelhar a minha frente, com o rosto na altura de meu púbis, para me fazer enfiar o vestido estreito. Meu mal-estar aumenta enquanto ele o sobe lentamente ao longo de minhas coxas. Sinto seus dedos acariciarem minha pele com demasiado zelo. E sua sensualidade me impressiona demais. Com as pernas apertadas no modelador, quase vacilo e tenho de me segurar agarrando-me a seus ombros.

Ele me fixa com um meio-sorriso malicioso e eu imediatamente desvio o olhar para encontrar os olhos de Gabriel. Vidrados. Sobrancelhas ligeiramente franzidas. Cabeça ligeiramente inclinada, entre a curiosidade e a irritação. Talvez até uma ponta de ciúme. Que me transporta. Gostaria de arrancar o vestido e lhe saltar em cima neste instante. Mas Pablo continua sua manipulação e se posta atrás de mim para ajustar o vestido em meu busto. Levanta delicadamente cada um de meus seios de modo que eles saltem na medida exata do bustiê. Sinto a impaciência de Gabriel, ele cruza e descruza as pernas em sua poltrona, seus dedos brincando com os braços largos.

Eu o encaro para que admire o resultado, mas ele já não me olha nos olhos. Pablo indica minhas nádegas com o queixo e toca de leve com o dedo o elástico que marca meu quadril :

– Parece-me que estas costuras também estão demais.

Gabriel se ergue de um salto e corre para mim, dizendo para Pablo :

– Eu cuido disso. Vamos levar este.

Em seguida dirige-se a mim, febrilmente :

– Você deveria tirá-lo, Amande. Antes que não possa vesti-lo.

Enquanto passeia seus dedos em meu decote arredondado, sinto a mão

experiente de Pablo descer o zíper ao longo de minhas costelas. Estou apertada em um abraço entre esses dois homens, um desconhecido, moreno quente que me gela o sangue, e meu amante, louro glacial que atiça um desejo ardente no mais profundo de mim. Quando o tecido azul-escuro acaba por cair aos meus pés, Gabriel tem as duas mãos em meus seios e eu sinto Pablo descer lentamente minha calcinha ao longo de minhas pernas. Não estou certa de apreciar esse jogo a quatro mãos que realmente não aceitei, mas por nada no mundo desejaria frear o impulso de Gabriel que parece me desejar como nunca. Pablo desaparece da cena em um turbilhão, levando meu vestido, e eu

descubro, estupefata, a ereção poderosa de Gabriel, que nem mesmo vi tirar a roupa. Suas mãos vêm afastar as minhas nádegas e ele me carrega para me apoiar contra a parede da cabine de prova, cuja cortina ficou escancarada. Ele me levanta muito alto e mergulha seu rosto entre meus seios duros antes de enfiar seu sexo duro em mim. Esta deliciosa ardência me faz dar um grito abafado e eu me molho de prazer. Arquejando, ele mergulha em minha intimidade cada vez mais rápido e mais forte do que jamais fez e eu sinto uma onda poderosa se espalhar em todo o meu ser. Seu próprio gozo me surpreende e ele ainda me penetra de maneira descontínua com

golpes intermitentes e brutais, grunhindo. Sua virilidade me atravessa por todos os lados e um orgasmo poderoso faz tremer meu corpo enrolado em volta do seu. Gabriel se desembaraça rapidamente e me deixa cair no chão, sussurrando com sua voz rouca :

– Eis o que vai lhe acontecer todas as vezes que deixar outro homem colocar as mãos em você.

3. A prisioneira

O luxuoso vestido azul-escuro está pendurado na porta de meu armário. Sentada em minha cama, com o sorriso feliz e as pernas balançando, eu o observo há longos minutos. Vou acabar por saber de cor as menores dobras e vincos do tecido de cetim. Ainda me pergunto como vou poder deslizá-lo em meu corpo desajeitado e me mover com a graça necessária a essa famosa festa de gala. Eu me pergunto ainda como Pablo pôde tirá-lo com tanta presteza para me deixar sozinha com Gabriel. Eu

me pergunto ainda em que fração de segundo esta sessão de prova se tornou o embate tórrido contra uma parede. Eu me pergunto ainda como pude deixá-lo fazer amor comigo na cabine de um ateliê de alta costura, com a cortina escancarada. Revejo mais e mais em minha cabeça as cinco cifras na fatura que o vendedor entregou a Gabriel. Sem vírgula. Uma cifra seguida por quatro zeros, estou certa disso. Todas essas perguntas levam a outra : em que momento minha vida passou bruscamente da posição da estagiária conscienciosa insuficientemente paga à de moça que tem relações sexuais para se deixar oferecer um vestido de mais

de 10 000 euros ? Qualquer que seja a resposta a esta pergunta, não acho que algum dia terei forças para pôr fim a esta história passional com Gabriel. Esta perspectiva me dá vertigem e eu me deito para trás na cama. Os olhos fixos no teto e o estômago contraído, confesso a mim mesma, secretamente, que estou orgulhosa. Ele fez de minha sua refém sendo o mais doce dos carrascos. O vibrador do celular me tira do torpor.

Uma mensagem de texto. Penso em Marion que ainda vai me passar um sermão. Ou em minha mãe, perguntando quando irei vê-los. « O vernissage vai acontecer no sábado à noite. Já estarei lá, meu motorista virá buscá-la para

trazê-la aqui. Estou impaciente para vê-la em seu vestido. E sem. » Meu pulso se acelera. Provavelmente é a mensagem mais longa que Gabriel algum dia escreveu. E a mais gentil. Mas como sempre, com ele a confusão se adensa. Achei que íamos a uma festa de gala. Um vernissage ? Mas de que ? Além disso, pensei que íamos juntos. Por que me oferecer este vestido caríssimo se não for para se exhibir comigo ? Estou excitada, mas decepcionada. Deveria estar acostumada com isso, Gabriel nunca cumpre inteiramente suas promessas. Ele tem o dom de cultivar o mistério e, o que é pior, de mudar as regras no meio do jogo. Esta noitada nos braços de meu amante poderia ter se

revelado fabulosa e corre o risco de virar um fiasco. Ainda vou estar sozinha entre pessoas desconhecidas, terei de me apresentar bem em uma exposição da qual nada sei e ver Gabriel brilhar diante de sua corte. Depois ele se decidirá a parar de me ignorar e me possuirá quando lhe der na veneta. Com um longo suspiro de cansaço, decido não pensar mais nisso antes do sábado... e antes de haver encontrado a conduta certa a adotar.

Não foi um táxi qualquer que Gabriel me mandou. Foi uma pequena limusine preta que me conduz pelas ruas de Paris e o motorista tenta razoavelmente me colocar à vontade. Quando me deixa na

frente da galeria, já lotada, uma centena de pares de olhos se dirigem instantaneamente para mim. Tento reunir toda a minha coragem, mas não encontro forças para sair do luxuoso veículo. Já me imagino torcendo um tornozelo com meus saltos altos demais, caindo estatelada na calçada, rasgando meu belo vestido moldando as minhas nádegas e tendo a maior vergonha de minha vida. Sem falar no olhar de desprezo que Gabriel lançará para mim. Mas eu o vejo se aproximar e abrir a portinhola. Estende a mão para me ajudar a sair e seu sorriso de orgulho me enche de felicidade. Está vestido com um terno azul-escuro em harmonia com o meu vestido, com uma fina gravata e um

lencinho de seda da mesma cor, que dão a seus olhos um azul profundo, quase negro. Ele me impressiona, como se o visse pela primeira vez. Depois de um rápido beija-mão que me faz saltar o coração, ele me conduz até o lado de dentro e retoma a conversa ali onde a deixara. Os outros convidados o imitam e eu posso me insinuar um pouco mais discretamente na multidão.

Com uma taça de champanhe na mão para manter o sangue-frio, descubro enfim o tema da exposição. Eu. Emoldurada, em vidro, em todos os sentidos e todas as posições, em fotos de dimensões incríveis. Grandes planos de meu rosto, meu corpo nu de pé, de

costas ou na frente da objetiva, depois deitada de bruços, as nádegas aparentes, zooms sobre os meus seios aparecendo de perfil, impudica como nunca o fora. Minha nudez apenas dissimulada pelas imagens que Gabriel havia projetado sobre meu corpo durante as fotografias. Percorro a passos largos as aleias da galeria, apavorada, furiosa, corando, em pânico a cada novo negativo. Cruzo com os olhos de certos convidados que parecem sentir ora compaixão, ora constrangimento. Morta de vergonha, viro a taça de um gole só e subo em direção à entrada da galeria à procura de Gabriel, esbarrando de passagem com alguns ombros sem pensar em me desculpar. Encontro-o em plena

conversa com três mulheres maduras e maquiadas demais, que o tocam quando podem, rindo a bandeiras despregadas. Explodo e me planto a sua frente, virando as costas às velhas. Elas todas se deslocam com coragem e continuam seu joguinho de sedução, contornando-me. Gabriel me lança um olhar sombrio, depois me ignora com soberba. Sinto a raiva me invadir e o champanhe me dar uma coragem que não sabia existir em mim. Eu o agarro pelo cotovelo e o levo para o lado de fora com um último sorriso forçado para suas interlocutoras, indignadas.

– Está zombando de mim ? O que é tudo isso ?

– É a primeira e a última vez que você se comporta assim, Amande. Isso foi perfeitamente inoportuno. Essas pessoas vieram por mim.

– Inoportuno ? Estou sonhando ! E me fotografar nua para me expor em seu vernissage sem nem me pedir permissão, como você chama ? Você viu como essas pessoas olham para mim ?

– Amandine, você está sublime nas fotos, certamente, mas acho que sua notoriedade para aí. Ninguém sabe que é você. Olhe, você está irreconhecível ! Foi meu trabalho que eles vieram admirar, não minha modelo. E se você terminou com seu faniquito, vou voltar a fazer o que eles esperam de mim.

– E eu, Gabriel ? E quanto a mim ?

Será que alguma vez você me perguntou o que eu esperava de você ? Será que passou pela sua cabeça me avisar, me perguntar se eu concordava ?

– Você jamais o teria feito. Eles me esperam, vou entrar. E você deveria se desculpar.

– Vá se foder.

Ele se aproxima e pega meu rosto entre o polegar e os dedos fechados. A força de sua pegada contrasta com a doçura de sua voz.

– Com prazer. Entre e suba ao segundo andar. Seguirei você de longe. Não se volte, não fale comigo, não olhe para mim. Espere-me lá.

A brutalidade de seus gestos e de

suas ordens me petrificou . E acendeu uma chama na concavidade de meu ventre. Não trago nada sob o vestido, a conselho do famoso Pablo, e sinto meu sexo se umidificar entre as minhas coxas. Entro como zumbi na galeria, não vendo mais nem as fotos nem os convidados, mal escutando Gabriel se desculpar com seus convidados, e me dirijo aos fundos. Pego uma escadaria de mármore, subindo cada degrau com prudência, servindo-me da rampa e segurando o vestido com a outra mão. Desemboco em um grande escritório de uma centena de metros quadrados e alcanço a imensa janela envidraçada ligeiramente inclinada por sobre a rua. Ouço os passos de Gabriel se

aproximando e o vejo dirigir-se a um birô de madeira maciça de que tira um ou dois objetos. Não distingo o que é, apenas percebo um reflexo de prata e um tinido metálico. Ele avança em minha direção com um olhar de louco. Minha excitação se mistura ao medo, tenho dificuldades para engolir. Meu perigoso amante desliza um par de tesouras geladas entre meu vestido e a minha pele. Corta o tecido entre meus seios até o umbigo, depois acaba seu trabalho rasgando meu vestido com as mãos viris. Milhares de euros reduzidos a nada no mesmo tempo que a minha dignidade. Nua e humilhada, espero o que vem a seguir tanto com apreensão

quanto com impaciência. Gabriel pega minha mão, a cola em meu sexo úmido, depois a leva à boca. Ao mesmo tempo em que o beijo, ele aperta meu punho em uma primeira algema e prende a segunda no montante de um alto radiador. Eu o deixo fazer sem reagir. A ideia de ser sua prisioneira faz ferver o meu desejo e me dou conta de que estou sem fôlego sem nem mesmo me haver mexido.

Gabriel dá um passo para trás para admirar sua presa. Coloca a chavinha das algemas no bolso interno de seu paletó e tira o fecho do cinto, desafiando-me com o olhar. Rasga uma embalagem de preservativo com os dentes e cospe um pequeno pedaço no

chão sem deixar de me olhar. Os meus se desviam para o seu sexo, róseo e duro, logo recoberto por sua fina película de látex. Nada mais o impede agora de me penetrar e minha voz se faz suplicante :

– Venha, me possua.

– Não compreendo.

– Possua-me. Por favor, possua-me.

– Faça um esforço, não estou entendendo.

– Foda-me !

Urrei meu desejo em sua cara, inconsciente da vulgaridade dessas duas palavras que nunca antes eu havia pronunciado. Mas perfeitamente consciente do efeito que elas produziram

sobre meu amante. Ele umedece os lábios, afasta minhas coxas nuas de seu joelho, pega seu sexo com uma mão e vem esmagar sua glândula sobre meu clitóris dolorosamente inchado. Meus gemidos de prazer se transformam em gritos selvagens quando ele mergulha em mim sem avisar.

Depois Gabriel abre a algema que me prendia ao radiador, me vira, desta vez me algemando as duas mãos atrás das costas e me esmaga contra o vidro frio, seu corpo caído sobre o meu. A janela envidraçada inclinada me oferece uma visão dominante sobre a rua, sobre as idas e vindas dos curiosos na calçada e os convidados do vernissage que eu

quase esquecera. Dou-me conta de que lhes bastaria levantar a cabeça para adivinhar o espetáculo de meu corpo nu sobressaltando-se sob os impulsos de meu amante. No segundo andar de sua luxuosa galeria de arte, Gabriel me oferece como alimento aos passantes. Com as duas mãos pousadas na vidraça, de cada lado de meu rosto, ele me penetra por trás, intensamente, e eu fecho os olhos, perdendo a referência sob a potência de suas investidas. De repente ele me pega pelos cabelos e profere :

– Olhe a sua frente. Você queria se dar em espetáculo ? Toda a rua vai vê-la gozar !

Retoma as investidas contra meu corpo e os seus movimentos de vai-e-vem ardentes, juntamente com as minhas mãos algemadas, me devastam até me fazer atingir um orgasmo cheio de raiva.

4. Em estado de levitação

Enrolada como uma bolinha em minha cama, fungo como uma idiota, ainda envolta pelo cheiro do paletó de Gabriel. Era a única roupa que eu vestia quando seu motorista me trouxe de volta para casa no meio da noite. Seu último gesto de galanteria depois de me haver tirado a roupa reduzindo com uma tesourada meu belo vestido a frangalhos. Ainda tenho a marca da algema tatuada na carne de meu pulso e ainda posso

sentir o contato frio da vidraça contra a pele de meu ventre, de meus seios. Mais do que qualquer outra coisa, meu corpo conservou a lembrança indelével das manzorras poderosas me puxando pelos cabelos, agarrando meus ombros, ritmando as minhas ancas. E minha intimidade dolorida guardou a marca da passagem de Gabriel, viril, selvagem, bestial. As lágrimas que rolam pelas minhas faces têm o sabor amargo da humilhação... e do prazer que senti.

Revi este perturbador pedaço de noite e passo em revista as últimas semanas de minha vida. Não sei se me deleito com isso ou se isso me desagrada. Será possível que seja um

pouco dos dois ? O cansaço me impede de refletir. Mas um estranho mal-estar também me impede de dormir. Eu poderia, deveria estar lisonjeada com essa exposição inteiramente dedicada a mim, apreciar a surpresa que ele me fez e suas obras de arte aparentemente muito bem sucedidas, me vangloriar de ser a musa de um brilhante milionário, fotógrafo de talento nas horas vagas. Ao invés disso, reagi desmedida e espontaneamente, sentindo-me violentada, enganada. E foi por ter sido eu mesma, afinal, que Gabriel me puniu. Ele não gostou de me ver como eu sou, imatura, furiosa, exigindo explicações e até desculpas. Talvez eu tenha ido longe demais, falado sem refletir, feito uma

cena no pior momento. Mas este homem sem defeitos não suporta os dos outros. Ele, que sempre domina perfeitamente suas emoções, detesta perder o controle da situação. E não pode tolerar que lhe afrontem. Não encontrou melhor punição que me prender e fazer de mim seu objeto sexual. E eu aceitei sem pestanejar. Até pedi de novo. Se estou passando o domingo a chorar, não é por vergonha, remorso ou de raiva dele, é por medo de havê-lo perdido.

E dizer que eu achava que era uma jovem mulher livre e independente, que jamais estaria sob o jugo de um homem, como meus pais me inculcaram durante 22 anos. Todas as minhas teses

feministas viraram fumaça. E a única explicação que encontro para isso, por mais estúpida e clichê que seja, é que com ele é diferente. Eu me viro de barriga para baixo e afundo a cabeça no travesseiro para esquecer que acabo de pensar numa coisa dessas. Mas bem depressa os traços do perfume impregnado em seu paletó desviam a minha atenção, as lembranças de seu corpo, impregnadas em minha carne, me levam longe. Eu me dopo com seu cheiro, com esta vontade de mais. Estou voando. Meu devaneio não é perturbado a não ser por um concerto de buzinas que passa através de minhas janelas finas demais. Um idiota deve estar bloqueando a rua sem se preocupar com

os outros e três resmungões bloqueados devem estar expressando estupidamente sua irritação, escondidos por trás dos volantes. Esta explosão de egoísmo e de covardia me deixa doida. A exigência de Gabriel deve estar me influenciando. Levanto-me de um pulo e corro à janela para gritar. Será o segundo em apenas dois dias. Ao me inclinar sobre o parapeito, não vejo senão um único carro na rua, um imponente 4x4 preto, e uma mão enluvada tamborilando sobre o montante da janela aberta.

Gabriel tira a cabeça e atrás dos cabelos louros sedosos seu belo rosto me aparece, sereno, sorridente. Sem gritar, sua voz grave chega até o terceiro

andar :

– Estou lhe acordando ? Será que você pode se vestir um pouco mais e estar em baixo daqui a cinco minutos ? Vou levá-la a um lugar.

Arregalo os olhos e esqueço-me de fechar a boca, antes de olhar para mim, nua debaixo de seu paletó aberto e grande demais para mim.

– Dê-me dez !

– Não esqueça meu paletó. E o seu passaporte.

Corro por todo o apartamento, encontro uma bolsa grande de linho, nela enfito um pulôver, três calcinhas, corro ao banheiro para buscar minha escova

de dentes, abro a água do chuveiro, mudo de ideia, depois termino por me meter aí debaixo para uma lavagem e raspagem rápida, me seco, enfio um short e uma camisa jeans secando os cabelos com uma toalha. Saltito, tentando enfiar uma meia ao mesmo tempo em que escovo os dentes. Pego uma camiseta limpa que coloco sem sutiã. Boto mais duas na sacola, mais um pulôver e um terceiro em cima de mim. Na passagem, apanho um rímel e uma escova no banheiro, dou mais uma volta inútil em meu quarto, enfio as minhas botinas tropeçando e embaralho os braços tentando colocar o casaco e minha bolsa de mão ao mesmo tempo. Um toque de perfume mais tarde, bato a

porta do apartamento e aproveito a descida das escadas para verificar que o passaporte está em minha carteira. Subo no 4x4 do lado do passageiro e me sento ao lado de Gabriel, as bochechas rosadas e os cabelos em desordem, em meu entusiasmo batendo a porta com um pouco de força demais. Eu me desculpo fazendo trejeitos e pulo em seu pescoço para beijá-lo na boca. Seu riso franco e seu olhar enternecido me fazem cair para trás. Ele arranca, pousando sua imensa mão sobre minha coxa e eu passo o resto do caminho com os dedos entrelaçados nos cabelos finos de sua nuca. Pouco importa aonde vamos, minha felicidade é total.

– Já viajou de avião ?

– Ora, por favor. Sou uma garota que não viu nada, não fez nada, mas não a esse ponto.

– Certo, certo. Já viajou de avião sozinha ?

– Não, meu papai querido sempre me acompanha. E pega a minha mão quando estou com medo. Além disso, ele me proíbe de falar com desconhecidos em automóveis.

Gabriel ri com gosto.

– Eu havia esquecido que você tinha senso de humor.

– Culpa de quem ?

– Quero dizer, já viajou em um avião onde você é a única passageira ?

– O que ? Um jato particular ? ! Só

você e eu ?

– E uns poucos tripulantes a bordo. E também um piloto, é melhor para nós dois.

Abafo um gritinho de alegria contra meus punhos cerrados e bato os pés no chão do carro.

– Para onde vamos ?

– Já falei demais. Mas se quer saber, não vai trabalhar essa semana. Éric acha que você bem merece uma semana de férias.

– É verdade que estou trabalhando duro para seu maior cliente !

– Não vamos falar de negócios pelos próximos sete dias. Apenas de prazer. Eu me jogo novamente sobre ele, beijo-

o por toda parte, na bochecha, no pescoço, e minha mão temerária vem pousar em seu sexo.

Ao subir a bordo do pequeno avião, vislumbro largas poltronas de couro creme, uma mobília brilhante em nogueira e duas aeromoças de sorriso perfeito vestindo tailleurs. Tenho a impressão de ser uma estrela de rock. Depois da decolagem, servem-me uma taça de champanhe e não sei mais para onde olhar. Para Gabriel e sua beleza esplendorosa, seu temperamento que quase me faria esquecer o jato particular, ou pela janelinha, para desfrutar do céu e das nuvens com meus olhos de menina. Gabriel chama a minha

atenção com um closet montado sobre rodinhas que ele traz até si.

– Não estou orgulhoso com o destino que reservei para seu vestido de noite. Mas tenho com o que me fazer perdoar. Um 38, é isso ?

Ele desembala calças de esqui, pulôveres finos de lycra, blusões e anoraques coloridos, moon-boots e gorros, com um ar muito concentrado.

– Branco ou azul ? Ah, também tem fúcsia. O que é que você prefere ?

– Quer brincar de novo de experimentar roupas ?

– Hum... você pode conservar as suas roupas de Paris, se quiser. Mas corre o risco de ficar com frio. Há uma

cabine fechada atrás de você.

– Não precisa.

Bebo um gole de champanhe, me levanto e venho me plantar na frente de sua poltrona. Eu o desejo demais. Tiro a roupa lentamente enquanto ele dispensa as aeromoças com um estalar de dedos. A temperatura a bordo do avião faz meus seios endurecerem e meu arrepio cria um coquetel explosivo com o calor em meu ventre.

– Se você não me ajudar, vou te fato ficar com frio.

– Você está me fazendo sentir muito calor. Vem por aqui.

Eu me aproximo de Gabriel, sempre sentado em sua poltrona, que puxa o

pulôver por cima da cabeça. Nunca vi um homem tão sexy com os cabelos despenteados. Ele pega as minhas mãos e as coloca sobre sua braguilha, cujos botões tiro um a um. Levanta as nádegas para me ajudar a tirar suas calças e eu me ponho de joelhos para desamarrar seus sapatos e desnudá-lo completamente. Ele pega as minhas ancas e se inclina para mim, beijando-me suavemente a parte baixa do ventre, em seguida a virilha, antes de deslizar sua língua entre meus lábios úmidos. Minha bacia ondula para pedir mais, mas ele deixa meu sexo para lambar meu ventre, subir até meus seios, em meu pescoço, em minha boca. Seu beijo com o sabor de minha intimidade me excita

ainda mais.

Gabriel me atrai para si e eu me sento escarranchada sobre suas pernas nuas enquanto ele continua a me beijar avidamente. Uma de suas mãos se emaranha em meus cabelos, a outra vem titilar meus mamilos endurecidos. A proximidade de nossos dois sexos aumentam consideravelmente meu desejo e os meus gemidos. Eu o acaricio suavemente, resistindo à vontade de mergulhá-lo em mim imediatamente. Gabriel me penetra com o dedo indicador e seu polegar pressiona com ritmo meu clitóris inchado e dolorido. Essas sensações, juntamente com as vibrações do avião, são simplesmente

divinas. Nossas mãos e nossas carícias se misturam em um misto de prazer e de arquejos. Movendo-me contra seus dedos hábeis, gozo uma primeira vez, quase silenciosamente, e esse fulgurante orgasmo do clitóris aumenta meu apetite interior. Estou fervendo, literalmente. Gabriel responde a esse desejo urgente levantando-me pelas nádegas para me plantar profundamente sobre seu membro ereto. Também ele exala um longo suspiro de alívio e agarra as minhas nádegas para ritmar os meus movimentos. Enrolo a bacia em torno de seu sexo e vejo Gabriel baixar os olhos para nossos corpos encaixados para desfrutar do espetáculo. O avião cai em um buraco de ar e o sobressalto do

aparelho enfia Gabriel ainda mais profundamente dentro de mim. Um grito me escapa, meu amante, ofegante, aproveita isso para acelerar a cadência de minhas ancas. Aperto as pernas em volta dele e chego ao sétimo céu com um grande estremecimento. Ele ainda corre em minhas profundezas e me aperta muito forte entre seus braços viris antes de gozar dentro de mim em um estertor poderoso que abafa o ruído ensurdecedor do avião. Nós afundamos na poltrona de couro, saciados e transpirando, nossos dois corpos em estado de levitação.

5. Soprar o quente e o frio

Quando o avião particular pousou, eu não fazia a menor ideia de onde estávamos e Gabriel se divertia em manter o mistério. Eu temia um pouco o ridículo com o traje que escolhera na arara aérea, calça de esqui branca, anoraque fúcsia justo e moon-boots de pele artificial rosa pastel, mas, enfim, não me destaco em absoluto nesta pequena cidade de montanha muito chique. Ao subir as belas ruas para

pedestres, compreendo, pelas vitrines das lojas, que pousamos no hangar da estação de esqui de luxo de Gstaad, na Suíça. Imagino cruzar com celebridades a todo momento. Mas o frio de fevereiro e os caminhos cheios de neve devem tê-los dissuadido. Estou quase decepcionada. Tento seguir sem escorregar as grandes passadas de Gabriel, que realmente não me espera e desliza minha mão para dentro de seu bolso, depois dentro de sua luva para encontrar seu calor. Como se pode ser tão viril e ter uma pele de bebê tão macia ? Ele entrelaça os seus dedos nos meus, sem me olhar, e eu ergo olhos de admiração para o porte de sua cabeça altaneira, os maxilares apertados pelo

frio, o vapor que sai de seus lábios debruados, o perfil perfeito de seu nariz e os pés-de-galinha tão sexys que formam seus olhos azuis plissados olhando a sua frente. Não imaginava que um ser tão delicado pudesse se esconder sob esta impressionante carcaça. E seu gosto pelo luxo, pelas belas coisas e pelos lugares mágicos, tão distante de meu mundo, me deixa cada vez menos indiferente.

Chegamos diante de um gigantesco chalé de madeira com balcões floridos. Gabriel age como se estivesse em casa. Aliás, este é sem dúvida o caso. No primeiro andar, grandes portas-janelas levam a um amplo terraço dando

diretamente para as montanhas brancas atravessando o céu azul. A vista é magnífica. Inspiro profundamente este ar puro do qual não tenho costume e Gabriel, com tanta frequência indiferente ou mal-humorado, me parece também estar em paz, como que renovado. Ele me pergunta se a viagem me deu fome e me anuncia que reservou mesa em um restaurante para o jantar. Eu me informo a respeito da roupa apropriada, para evitar mais uma vez um passo em falso, e só obtenho por resposta um dar de ombros. Imagino que posso continuar como estou. Antes de sair, Gabriel coloca a minha frente uma caixa retangular de couro verde-escuro. Abro-a, tão angustiada quanto excitada,

e descubro um suntuoso relógio feminino, mistura de aço e de ouro rosa, assinada por uma célebre marca suíça caríssima.

– Eu não sabia se você preferia ouro ou prata. Mas gosto muito da aliança entre os dois.

– É perfeito. Realmente sublime.

– Tanto melhor se ele lhe agrada. Tem outro presentinho aí embaixo. Antes, para nós dois.

Levanto a almofada de veludo e descubro um pequeno objeto estranho, rosa e liso, em forma de fuso, cuja utilidade hesito em compreender.

– Eles chamam a isso « ovo ». Espantoso, hein ? Não gosto do nome mas adoro o conceito.

Gabriel tira do bolso um pequeno controle, também rosa, aperta um botão sorrindo para mim e o pequeno fuso vibra instantaneamente entre meus dedos. Ele se aproxima sensualmente de mim e sussurra :

– Minha Amande, gostaria de se divertir um pouco comigo ?

Aquiesço com um sorriso maroto e Gabriel se ajoelha, baixa o zíper de minha calça, desliza a mão em minha calcinha e me acaricia suavemente. Eu

me agarro a seus cabelos, gemendo, enquanto ele me toma o objeto das mãos. Introduz um dedo em mim, depois minha intimidade úmida acolhe o ovo em forma de fuso que meu amante aciona. Estou agradavelmente surpresa com essas vibrações que fazem cócegas na concavidade de meu ventre e Gabriel parece muito orgulhoso com seu novo brinquedo.

Um motorista nos leva através de Gstaad em um carro luxuoso cinza-escuro que eu nunca tinha visto (e eu me pergunto se não é o décimo em que subo desde que conheço Gabriel). No trajeto, ele me sobressaltar por duas vezes, fazendo vibrar o brinquedo sexual em

meio a uma conversa. O ambiente esquenta apesar da fria noite de fevereiro. Nosso jantar no restaurante é mais do que suntuoso. Nem mesmo me trazem o cardápio, mas uma seleção de sugestões do chef que beliscamos a dois. Pela primeira vez em minha vida, saboreio um caviar negro e brilhante de gosto divino. Todos os pratos são excelentes, de uma fineza extraordinária. Gabriel se diverte a pontuar cada um de meus prazeres culinários com uma deliciosa vibração que a cada vez me surpreende. Terminamos a noite com uma sobremesa de chocolate que saboreio até o último pedacinho. Tenho de me conter para não lambe os dedos. E meu amante malicioso, sem tirar os

olhos de mim, aproveita para acionar mais uma vez seu brinquedinho, desta vez por um tempo mais longo... o bastante em todo caso para que eu seja a primeira a reclamar por ir embora.

De volta ao carro, Gabriel aperta um botão que sobe um vidro opaco entre nós e o motorista. Depois me derruba no banco de couro beijando-me fogosamente. Desliza sua mão gelada sob as minhas camadas de anoraque e de pulôveres para vir apalpar meu seio. Um fogo abrasa meu sexo e não sei por que tour de force sua outra mão faz vibrar minha intimidade quando menos espero. Mordo os lábios para conter meus gemidos de prazer, não tendo esquecido

totalmente o motorista do outro lado do vidro. Gabriel enfia a cabeça em meus cabelos, me beija, me lambe, me mordisca a zona extremamente sensível entre o pescoço e o ombro. Ele me deixa louca. Continua a brincar com seu brinquedinho a partir do controle escondido em seu bolso. Eu o vejo observar o efeito que seu brinquedinho tem sobre mim e as ondulações incontroladas de minha bacia parecem satisfazê-lo. Continuo completamente vestida, mas mais excitada do que nunca, ávida de carícias. Acho que Gabriel decidiu me fazer gozar sem tocar em mim. E apesar de minha intensa frustração, parece pronto para vencer o desafio. Seus beijos, juntamente com o

pequeno fuso que treme dentro de mim estão me fazendo perder a cabeça. Não posso mais reprimir suspiros e arquejos e, no momento em que o orgasmo me submerge, Gabriel torna a se sentar de um pulo, aperta o botão acionando o vidro interno que desce e faz reaparecer em cena o motorista. Eu também me ergo, à beira da implosão, mas podada em meu impulso de gozo. Mais frustrada do que jamais o fui.

Ao descer do carro, Gabriel veio me abrir a porta, mas minhas pernas bambas dificilmente me mantêm de pé. Ele me toma nos braços como futura esposa, entra no chalé e me carrega na escada. Abre a porta-janela com o pé e me

depõe delicadamente sobre uma das espreguiçadeiras estofadas dispostas sob a pérgula do terraço. Cinco centímetros de neve se amontoaram nos balcões em flor e estalactites congeladas descem dos parapeitos da área externa. A noite caiu sobre Gstaad, mas a luz quente que filtra do interior do chalé ilumina fracamente o terraço. Um aquecedor suspenso chia e avermelha acima de nós. A mistura entre esse sopro quente e o ar glacial, os jogos de sombra e o imponente silêncio que reina sobre as montanhas me assustam e me transcendem. Só a presença de Gabriel me traz de volta à realidade. Tenho a impressão de que estamos sozinhos no mundo, de que o tempo parou. Seus

gestos cheios de doçura e de benevolência me tranquilizam, mas a determinação que leio em seus olhos, o clarão bestial que acaba de se acender neles, fazem com que eu me sinta em perigo. Meu amante malandro e guloso do jantar se transformou em predador implacável, a quem nada pode deter. De pé a sua frente, deitada, tremendo e vulnerável, ele me domina com toda a sua estatura, me esmaga com seu carisma e me excita ao máximo.

Gabriel tira o casaco, que deixa cair na neve, se aproxima de minha espreguiçadeira e se acocora para tirar a minha roupa. Em alguns minutos, eu me acho completamente nua, os seios duros

pelo frio, a pele rosada pelo poderoso aquecedor, a intimidade ardendo e os lábios expirando uma fumaça morna na atmosfera glacial. Gabriel por sua vez tira a roupa, lentamente, deixando-me descobrir sua poderosa ereção. Nunca vi sexo de homem tão belo quanto o dele. Ele se senta junto de mim, apanha um punhado de neve fresca e a espalha sobre o meu peito. Sua língua quente vem lambe a neve derretida em meus mamilos endurecidos. Ele pega uma estalactite presa ao balcão e passeia a ponta gelada em meus lábios antes de mergulhá-la suavemente em minha boca. Nela enrola a língua, chupo e engulo as gotas de gelo derretido, ainda consciente da metáfora que ambos temos em mente.

A estalactite prossegue seu passeio em minha pele, em meu pescoço, entre meus seios, ao longo de meu ventre e até a fenda de meus lábios. O gelo anestesia meu clitóris inchado de desejo. Gabriel logo substitui seu instrumento por seus dedos ágeis que acendem o fogo em mim. Ele me libera do ovo inserido em minha intimidade e esse vazio repentino me parece insuportável. Gostaria que ele me preenchesse. Eu não poderia reviver duas vezes a frustração do banco de trás. Preciso de seu corpo, do contato de sua pele com a minha, de seus músculos tensos em ação, de sua carne sob as minhas unhas, de seu sexo aspirando o meu. Nesse momento, não o

desejo apenas, é uma questão de sobrevivência.

- Por vezes você sabe ser paciente.
- Não, não aguento mais.
- Tem certeza ?
- Por favor.
- Vai me esperar ?
- Sim.
- Como você vai fazer ?
- Vou tentar.
- Não é o bastante.
- Vou esperá-lo !
- Prometa-me isso.
- Está prometido.
- Não me desaponte.

Este diálogo absurdo, ofegante, não

fez senão aumentar a minha impaciência, minha urgência. Gabriel digna-se enfim a me satisfazer e deita seu corpo quente e pesado sobre o meu. Pega seu sexo em sua mão e o enfia languidamente em minha fenda molhada. Degustamos juntos esse primeiro enlace e suspiramos em uníssono. Ele afunda em mim com mais força ainda, eu levanto minha bacia ávida e rodeio sua cintura com as minhas coxas para lhe dar mais espaço. Ele me penetra profundamente, com vigor, aperto meu abraço cruzando os meus tornozelos por sobre suas nádegas enquanto ele agarra a parte de cima de madeira da espreguiçadeira. Perfeitamente encaixados, nossos corpos em osmose ondulam em um ritmo

desenfreado. Sinto o orgasmo me invadir da ponta dos pés à raiz dos cabelos. Gabriel dá uma grande investida e se imobiliza no mais profundo de mim.

– Ainda não ! Eu a proíbo.

Retoma seus movimentos de vai-e-vem furiosos que me conduzem a um prazer ainda maior e me fazem urrar na noite silenciosa. Seus estertores sonoros me respondem num eco e seu corpo tenso, exaltado, se crispa no meu.

– Agora...

Meu gozo lhe obedece

instantaneamente e eu me abandono a este êxtase desenfreado, chorando lágrimas ardentes de prazer.

– Eu amo você.

Em meus últimos sobressaltos, rezo para que ele não tenha escutado o que acabo de suspirar. O ar está mais glacial do que nunca.

Continua ! Não percam o episódio a seguir !